

SEGUNDA PARTE

Ao cumprirem-se os dias de Pentecóstes, quando o Espírito Santo, simbólicamente em forma de "LÍNGUAS de fogo", se derramou sobre os apóstolos e discípulos reunidos em Jerusalém, homens de todas as nações, que ali habitavam, ficaram atônitos e maravilhados, pois a cada um daqueles os ouvíam falar em suas próprias línguas. Ora, o Espírito que àqueles apóstolos, na maior parte ignorantes e, talvez, até analfabetos, outorgou o maravilhoso milagre de falarem a cada um dos seus ouvintes na própria língua destes, aquele Espírito, que é o mesmo DIVINO ESPÍRITO profusamente derramado pelo Senhor Jesus em todas as letras, palavras, passos e capítulos de sua estupenda

"REVELAÇÃO"

não deverá proporcionar-nos, também a nós outros, a inefável ventura de compreendermos em nossa própria língua as profecias bíblicas?

A BABILÔNIA MONSTRO ou OS QUATRO IMPÉRIOS MUNDIAIS PROFÉTICO-APOCALÍPTICOS

OS QUATRO ANIMAIS DE DANIEL. O desenrolar dos acontecimentos históricos mundiais, a partir do Império Assírio-Babilônico, dentro de um período de 2520 anos, a que chamamos "semana profética", conforme atrás estudamos, está maravilhosamente desenhado na Bíblia por meio de 4 animais simbólicos, representativos dos 4 impérios mundiais que, desde aquela época e dentro de ciclos absolutamente definidos, se vêm uns aos outros sucedendo na hegemonia político-social do Universo. Tais impérios são chamados nas profecias os espessinhadores místicos do simbólico povo de Israel.

Formados, cada um, inicialmente, de seus próprios territórios e, posteriormente, acrescidos dos territórios ou despójos dos anteriores, devendo não só ter uma duração definida como já dissémos, mas também suas características perfeitamente conformes às respectivas figuras proféticas, esses impérios são incontroversivelmente identificados como tendo sido os seguintes: os impérios assírio-babilônico, medo-pérsia, grêco-macedônio e império romano pagão (império romano uno e império romano dividido).

Que são esses os 4 impérios simbolizados no Velho Testamento sob a forma respectivamente de um leão (LEO), de um urso (URSUS), de um leopardo (LEOPARDUS) e de um quarto animal de 10 chifres, sem nome e espantoso, que, reduzindo a frangalhos os anteriores, inteiramente os devorava (império romano, vide Daniel, cap. VII), afirmam-no todos os fatos e datas da História Universal, e também, com absoluta solidez, os próprios e maravilhosos símbolos bíblicos.

Entretanto, descritos no Velho Testamento com antecipação de séculos e mesmo de milênios, aqueles impérios e os fatos históricos a eles relativos, somente poderiam ser perfeitamente identificados após a evolução de todos eles ou da maior parte deles.

Ora, essa identificação se encontra indiscutivelmente clara no último dos livros da Bíblia — o Apocalipse — que em grego significa REVELAÇÃO.

BABILÔNIA, A GRANDE REVELAÇÃO DO APOCALÍPSE. Este maravilhoso livro nos revela, com efeito, entre numerosas cousas:

1.º) que o 4.º daqueles animais simbólicos, ou seja o Império Romano, em qualquer uma das suas diferentes fases, deverá ser considerado sempre, místicamente, como uma verdadeira Babilônia — a Babilônia mística padrão;

2.º) que o significado místico desta palavra seria: soma, torre ou confusão de leões, e, sua formação, provavelmente, provinda da justaposição das palavras

BABEL LEONIS ou BABEL LEONUM

(Babél de leão ou Babél de leões)

Com efeito: afirmam numerosíssimos textos bíblicos que todos os reis, reinos ou impérios mundanos são verdadeiros leões místicos.

Exemplo:

"Cordeiro desgarrado é Israel: os leões o afugentaram: o primeiro que o comeu foi o rei da Assíria; e este, o último, Nabucodonozor rei de Babilônia, lhe quebrou os ossos". (Jeremías, L: 17).

Corroborando a nossa afirmativa, notêmos que, em grande parte, as armas das diversas nações do mundo trazem dentro dos seus escudos um ou mais leões heráldicos.

A GRANDE BABILÔNIA. Assim, pois, os 3 impérios anteriores ao Romano, simbolizados, em Daniel VII, por um leão, um urso e um leopardo e aquele próprio império, cada um dos quais se integrou à custa dos seus antecessores, são todos eles verdadeiros leões, somas de leões ou Babilônias parciais.

Maior do que todos, porém, deverá ser o Império Romano considerado a maior soma de leões ou, melhor, a maior Babilônia parcial ou a

GRANDE BABILÔNIA

(a Babilônia Mística)

Esta interpretação rigorosamente lógica, está iniludivelmente traçada no capítulo XIII do Apocalipse (v. 1/10), onde se nos revela uma nova etapa do mesmo império sob a figura de uma besta que se levantou do mar (as nações), a qual, além de sintetizar maravilhosamente a evolução, no tempo e no espaço, de todos aqueles impérios, se integrou realmente à custa dos três primeiros, pois tem a boca de leão, os pés de urso e o corpo de leopardo.

A BABILÔNIA-MONSTRO. Para a perfeita e iniludível identificação dessa besta do mar, dela nos fornece ainda aquele mesmo capítulo XIII (versos 17/18) três coordenadas literais explícitas:

a sua duração, 1260 dias proféticos ou 1260 anos;
um sinal, que mais adiante veremos qual seja; e
um número, que se diz igual ao "de um homem"
ou do seu nome:

666.

Ora, se a besta do mar (romana) e o seu correspondente número resultam da soma de todos os impérios mundiais, inclusive o próprio Império Romano Pagão, torna-se evidente que se somarmos os valores numéricos parciais de cada um desses impérios ou os números de seus nomes em latim, obteremos o número 666.

Assim teremos, somando os valores numéricos das respectivas letras em algarismos ROMANOS:

de LEO (Império Assírio-Babilônico, 1 cabeça)	L =	50
" URSUS (Império Médo-Persa, 1 cabeça)	V + V =	10
" LEOPARDUS (Império Gréco-Macedônio, 4 cabeças) L + D + V =		555
" BABYLONIA (Império Romano Pagão, 1 cabeça)	L + I =	51
Soma		<hr/> 666

Teremos portanto:

LEO + URSUS + LEOPARDUS + BABYLONIA = 666, isto é:

A BABILÔNIA INTEGRAL ou seja a DERRADEIRA e maior de todas as Babilônias proféticas: Roma Integral.

Para diferenciá-la da Grande Babilônia (o Império Romano Pagão) chamaremos a esta:

A BABILÔNIA MONSTRO, ou o Grande Império Romano Místico, cuja evolução, no tempo e no espaço, em duas etapas de 1260 anos cada uma, está respectivamente representada no capítulo XII do Apocalipse, por um DRAGÃO VERMELHO, caindo do céu, de 7 cabeças e 10 cornos, com diademas nas 7 cabeças e, no capítulo XIII, por uma besta também de 7 cabeças e 10 cornos, mas que subiu do mar e trás corôas nos 10 cornos.

Esquemáticamente, a evolução tanto daquele dragão quanto desta besta, que tem "boca de leão", pés de urso", "corpo de leopardo" e cujo conjuntó ou somatória fórma, no tempo e no espaço, dentro do número 666 e da duração de 1260 anos, uma verdadeira Babilônia (torre de leões) póde ser assim representada:

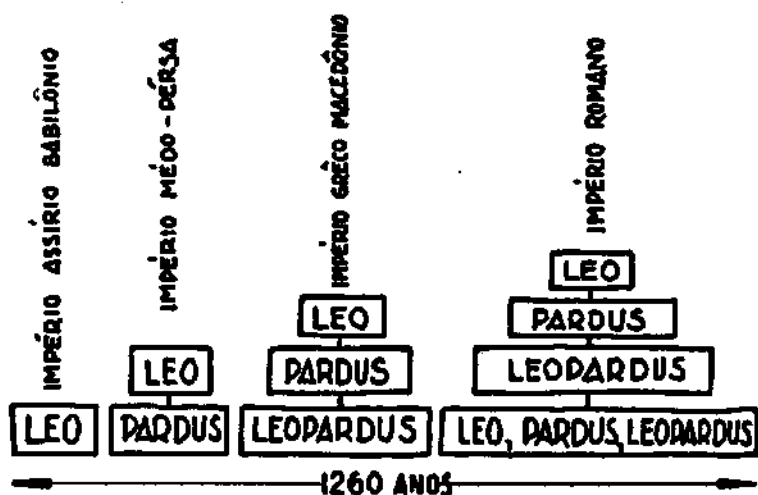


Fig. 22

A única, mas aparente, imperfeição do presente esquema, é a de figurar PARDUS em lugar de URSUS. Jesus Cristo disse, porém, que as "Escrituras não podem falhar" (S. João, X: 35). Em que pése, portanto, às opiniões dos "eruditos", o animal LEOPARDUS, representativo do império grêco-macedônio, que, como os demais, se integrou à custa dos anteriores, resultaria da "fusão" do leão (LEO) com uma "espécie" de urso (ursus) denominada PARDUS e não com a fêmea da pantera.

Mas, se assim é, por quê, então, se traduziu URSUS, em lugar de PARDUS, em Daniel, VII: 5?

Este aparente engano dos tradutores da Bíblia constitui, a nosso ver, uma extraordinária revelação profética.

Com efeito: não somente URSUS corresponde, conforme adiante veremos, à formidável e espantosa figura apocalíptica da Rússia, hoje em todo o mundo já simbolicamente denominada U.R.S.S., mas também na realidade um URSUS vale, místicamente, um PARDUS.

Vejamo-lo: na palavra URSUS só têm realmente valor numérico os seus dois UU, que valem $V + V = 10$.

Ora, dois ús ou um par de us não valem positivamente um

PARDUS?

Logo, místicamente, um URSUS tem o valor de um PARDUS.

Assim sendo, o último esquema atrás representa com maravilhosa precisão a besta (Império Romano) que S. João viu sair do mar (nações) e que, tendo sete cabeças e 10 cornos, "era semelhante a um LEOPARDO, os seus pés eram como os de URSO e a sua boca como a boca de LEO" (Apoc. XIII: 1/2).

Vêde, com efeito, qualquer que seja o modo ou sentido em que se encare o esquêma, que neste a palavra LEO ocupa invariavelmente a posição mais elevada ou anterior, correspondente à boca e, tomado PARDUS equivalente a URSUS, aí temos exatamente os 4 pés deste animal. Vêde, ainda, que, retirado o primeiro LEO, correspondente ao império Assírio-Babilônico, o corpo do esquêma se resume, todo ele, exatamente num perfeito LEOPARDO. Além disso, na torre de leões correspondente ao Império Romano estão sintetizadas precisamente 7 cabeças e 10 cornos, estes representados, gráficamente, pelas 10 sílabas das palavras LEO, PARDUS, LEOPARDUS e BABYLONIA, de vez que esta última corresponde a LEO + PARDO + LEOPARDO.

Nota interessante. Se analisarmos a história ou a evolução de cada um dos 4 impérios mundiais proféticos, aos quais chamaremos Impérios Padrões Bíblicos, veremos que cada uma delas encerra em si exatamente também 4 períodos, os quais por sua natureza, sentido ou tendência, são maravilhosamente semelhantes ao sentido da história integral dos 4 impérios, isto é, cada um destes, em sua evolução babilônica, passa sucessivamente pelas fases: LEO, PARDUS (URSUS), LEOPARDUS e BABYLONIA (TORRE DE LEÕES).

"NABUCODONOSOR, REI DE BABILÔNIA", outra GRANDE REVELAÇÃO PROFÉTICO-APOCALÍPTICA. Por outro lado, afirma ainda o mesmo capítulo XIII do Apocalipse, como vimos, que o número da Grande Babilônia Mística, representativa do Império Romano Místico ou o número do seu nome (666), é o número de um homem ou do nome deste.

Ora, o nome relativo à Babilônia Caldáica, prefigura da Romana, mais em evidência na Bíblia e nesta verdadeiramente berrante, é o do maior de todos os seus reis — o rei Nabucodonosor — que não somente integrou o seu império, mas o levou ao mais extraordinário apogeu em todos os setores da prosperidade humana.

Na Bíblia o nome desse rei figura quasi indiscrepantemente assim expresso:

"Nabucodonosor rei de Babilônia"

ou, em latim,

NABUCODONOSOR REX BABYLONIÆ (1)

Somando por sua vez os valores, em algarismos romanos, das letras significativas deste nome em latim, pois se trata evidentemente no caso de uma personalidade latina, obteremos também o número 666, isto é:

(1) Era comum entre os antigos denominarem-se os reis dizendo-os das respectivas capitais: rei de Tiro, rei de Jerusalém, rei de Roma, "Nabucodonosor rex Babylonis". Desejando frisar, porém, que o Nabucodonosor desta obra é o rei de um grande Império Babilônio Místico, preferimos a forma *Babyloniæ*, æ.

$$V + C + D + X + L + I = 866.$$

Nabucodonosor rei de Babilônia é, pois, a segunda grande revelação apocalíptica.

Esta conclusão indica que o nome mais em evidência, em qualquer época, dentro do Império Romano Místico, ou da Babilônia Mística, deverá sempre encarnar em si as qualidades, virtudes e defeitos do grande rei Nabucodonosor que lhe serve de prefigura.

CONCLUSÕES. De tudo quanto atrás dissémos, resumindo, se conclúe:

1.º) que, embora vivendo sucessiva e distintamente, os 4 impérios mundiais que constituíram bíblicamente a Babilônia Mística ou Babilônia Monstro, em virtude de cada um deles se completar à custa da conquista e absorção dos anteriores, jamais poderemos tomar pela Babilônia de todas as profecias exclusivamente a Babilônia Caldáica;

2.º) que pela Babilônia bíblica deveremos tomar sempre, de um modo geral, todo e qualquer

ESTADO INTEGRAL

ou totalitário, seja este territorial, ideológico ou espiritual; e

3.º) que os animais simbólicos, descritos nos capítulos XII e XIII do Apocalipse, somados, correspondem, consequentemente, não só ao Império Romano Pagão, mas a qualquer império territorial, espiritual ou místico que, em qualquer época, se tenha formado ou se venha a formar sobre o território do antigo Império Romano.

Que o ressurgimento ou reavivamento da Grande Babilônia Mística — a besta apocalíptica que recebeu o golpe de espada, mas vive (Apoc. XIII: 14) — está claríssimamente vaticinado na Revelação para ocorrer dentro de nossos dias e que a ela correspondem as 17 nações da Europa que neste momento (1937, jan.º) se encontram dentro das fronteiras do antigo Império Romano, é uma das teses que nos propomos defender mais adiante.